

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



## “DESMITOLOGIZANDO” A EDUCAÇÃO SUPERIOR: DA BARBÁRIE À EMANCIPAÇÃO

FÁBIO CAIRES CORREIA\*

Resumo: A Educação Superior, hoje, tem sido entendida como mercadoria e re-produtora de instrumentos para o mercado. Perdeu-se a ideia de educação como bem público-social. O conhecimento passou a ser um produto mercadológico. As IES têm sido forçadas a atender as demandas impostas pela indústria, sujeitando aos participantes deste processo à competitividade, quiçá, à violência. A qualidade, sinônima de uma boa formação cidadã, transformou-se em qualidade técnica. A utilidade insere-se como categoria fundamental nesta barbárie cultural. A emancipação do sujeito, objetivo da educação bem público-social, inverte-se em aprisionamento e dependência na educação mercadoria. Segundo Theodor W. Adorno a educação deve, simultaneamente, evitar a barbárie e buscar a emancipação da pessoa. Entende-se por barbárie, o impulso de destruição que o homem traz consigo. Este impulso manifesta a agressividade percebida na educação mercadoria que sujeita os outros à competição. Por isso, Adorno vê na educação uma proposta emancipatória. Na perspectiva adorniana, o processo educacional pode favorecer a formação de sujeitos críticos, emancipados e esclarecidos, capazes de domesticar o impulso destrutivo que lhes é inerente.

Palavras chave: Educação Superior. Mercado. Adorno. Emancipação. Barbárie.

“O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens”.

(ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 20)

Nestes tempos paradoxais em que vivemos, onde o racional e o irracional, concomitantemente, guiam nossos caminhos, não é **sem razão** que optamos por iniciar o ensaio com este excerto dos pensadores da, assim chamada, **Escola de Frankfurt**<sup>1</sup>. Sem dúvida os teóricos desta tradição puderam e ainda podem epistemologicamente traduzir de forma clara as assimetrias de um século marcado pela primazia e uso obsessivo da razão em detrimento de um desejo: a (auto) dominação. Já em meados do século XX, eles propuseram “nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 11). A hipótese reside, segundo eles, no ambivalente conceito *Aufklärung*<sup>2</sup>. Obtendo maior fundamentação na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), o esclarecimento seria a capacidade de, pelo uso da **razão**, o homem se libertar da

---

\* Mestrando em Educação, Universidade de Sorocaba – Bolsista Capes/Prosup.

<sup>1</sup> O Termo “Escola de Frankfurt” procura-se designar a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas, não ortodoxos, que na década dos anos 20 permaneceram à margem de um marxismo-leninismo “clássico”. Seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária. (FREITAG, 1986, p. 10).

<sup>2</sup> O conceito *Aufklärung* em Adorno e Horkheimer é usado para designar o processo de desencantamento do mundo”. Esclarecimento não se reduz apenas a um momento histórico-filosófico, mas o processo pelo qual, ao decorrer da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza (Cf. ALMEIDA, 1985, p. 7-8).

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



sujeição e das tutelas do conhecimento. No entanto, à medida que o homem foi se **fazendo senhor de si**, a razão se tornou um **instrumento**, servindo-se ao viés da dominação, não só da natureza, mas também, dos outros homens. O conhecimento de busca pela verdade – *aletheia* – passa a ser busca pelo útil. “O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘*operation*’, o procedimento eficaz”. (Ibid, p. 20).

Em pleno século XXI, este cenário pouco se alterou. De um lado, o avanço vertiginoso da ciência, suas técnicas e respostas **numéricas e inflexíveis**; de outro, os irracionalismos se multiplicando; de um lado, a comunicação vence as barreiras das categorias espaço-tempo reunindo a todos num universo cibernético; de outro, as guerras aniquilam milhões destruindo todos estes laços; de um lado, a educação que visava o ser humano em sua integralidade torna-se caduca e ultrapassada; de outro, a educação que ajusta pessoas à competitividade de um sistema promovendo a barbárie é tida como essencial; a partir destes paradoxos é preciso re-pensar qual o sentido que se é dado ao conceito **esclarecimento**.

A ambivalência que nos inquieta, motivo deste ensaio, centra-se nas concepções de educação superior dadas atualmente. De um lado, uma educação tida como direito e bem-público social, protótipo da **formação cidadã**, de outro uma educação concebida segundo a lógica mercantilista, tendendo, essencialmente, à **formação instrumental**. É neste segundo modelo que centralizaremos nossa crítica. É preciso ter em mente que a crítica não sinaliza desconstrução ou apresentação de um molde adequado para determinada situação, muito menos se estabelecer como verdade. A crítica é dialética. “Pretende entender o tempo presente em vista da superação de sua lógica de dominação” (NOBRE, 2013, p. 17). E é nos pensadores da Escola de Frankfurt, particularmente em Theodor W. Adorno (1903-1969), que procuraremos presentificar o inconformismo da “Teoria Crítica” visando à superação, não adequada, mas reflexiva desta **lógica dominante**.

Num primeiro momento, nossa intenção é ligeiramente apresentar o atual momento da educação superior, partindo do pressuposto de que há diferenças e, até certo ponto, contradições do *modus operandi* entre as concepções de educação supracitadas. Para isso, usaremos como referencial teórico e conceitual, a ideia de *Bildung*, **formação cultural**, a partir da filosofia de Kant (citado no início deste ensaio). Segundo Adorno, o que hoje presenciamos é resultado de um colapso na formação, assim definido por **Semiformação** (*Halbbildung*). A formação cultural, então, converte-se numa semiformação. Em outros termos, a educação que é fonte inerente para a formação cultural, inverte num produto da lógica mercantilista. Nossa intenção é assinalar pontos de crítica ao sistema educacional atual, que forma indivíduos para se submeterem passivamente ao processo da Indústria que



impele os partícipes à conformidade da disputa. Fixaremos nossa investigação em três textos específicos de Adorno, a saber: O primeiro é *A Dialética do Esclarecimento* (1947), **escrito em quatro mãos**, com a co-autoria de Max Horkheimer (1895-1973), ainda quando exilados nos Estados Unidos; o segundo é uma coletânea de entrevistas radiofônicas, concedidas duas semanas antes de sua morte, para a Rádio de Hessen, a Helmut Becker, compiladas por Gerd Kadelbach, sob o título *Educação e Emancipação* (1970); e por último *A Teoria de Semicultura* (1959), onde o filósofo social analisa o colapso da *Bildung*, desembocando na ideia da *Halbbildung*. Demonstrado o chão que pisamos, à guisa de conclusão, nossa proposta é investigar as possibilidades da **desmitologização**<sup>3</sup> do conceito **Educação**, em seus sentidos instrumentais, a partir da crítica adorniana à **Semicultura**. Para isso, partiremos das seguintes questões: É possível pensar o conceito educação, hoje, em seu sentido *lato*? Se, ao passar pela Indústria, a Educação se transforma em mercadoria e as instituições são forçadas a atender as demandas desta lógica mercantilista para **arquitetura** e **manutenção** de um sistema, ao invés de estarmos num contexto de “produção de consciência verdadeira” (ADORNO, 2003), não estaríamos num lugar de **ajustamento** de pessoas? Por fim, é possível pensar a educação desmitologizada, sem a essencialidade de apenas formar para esta barbárie mercantilista?

#### ENTRE FORMAÇÃO CULTURAL E SEMICULTURA:

##### O Mercado das/nas Universidades

Presenciamos, hoje, nas universidades, uma busca crescente pela qualificação técnica, rápida e eficaz. Em atenção a esta demanda, as instituições se vêem **forçadas** a quantificar os cursos de curta duração e a **qualidade** torna-se um conceito meramente **técnico**. Não é objetivo do texto, discutir a expansão das instituições privadas de ensino superior, mas é válido ressaltar que esta expansão se dá, em boa parte, pela necessidade de atender as necessidades específicas da indústria<sup>4</sup>. Pois, o que atualmente importa é a **utilidade** do conhecimento. “A *operation* [...] torna-se a espinha dorsal e o objetivo maior da educação” (GOERGEN, 2010, p. 68). Segue-se que o conhecimento enquanto mercadoria, devido o fácil acesso, tende a se globalizar, ou seja, tornar-se hegemônico neste cenário. Isto é ambivalente e paradoxal, por que reduz um bem à ideia de valor. Assim, a formação,

<sup>3</sup> Segundo Adorno, em seu livro *Dialética Negativa* (1975), “A desmitologização do conceito é o antídoto da filosofia”. Nota-se uma complexa crítica à pretensão do pensamento em desenvolver conceitos absolutos para explicar todas as coisas. O que se sustenta em sua teoria é justamente a crítica ao conceito que julga bastar-se a si mesmo. (Cf. SILVA, 2010, p. 10).

<sup>4</sup> Segundo Dias Sobrinho (2013, p. 112) “instituições privadas existem há muito tempo, no Brasil. Mas nos últimos decênios prolifera um tipo novo, com objetivos explícitos de mercado. A privatização de cunho mercantilista é o fenômeno mais robusto das transformações que vêm ocorrendo na educação superior brasileira”.



# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



em seu sentido lato, acaba por se contradizer em suas próprias finalidades. O indivíduo é formado sem a consciência da coletividade para viver em sociedade. Descentraliza-se a autonomia em detrimento do **aprisionamento sistêmico**. Nestes paradoxos como entender o conceito **formação/educação**, hoje?

Segundo (DIAS SOBRINHO, 2013), a educação superior, devido a imposição do mercado neoliberal, tem sido entendida a partir da ótica da mercadoria. Para este mercado, uma **boa educação** estaria estritamente ligada à ideia da **produtividade funcional**. Dado isso, percebe-se que, há uma postura de despreocupação com a ideia da formação integral do sujeito. A educação, sob a ótica do bem-público, então, é descentralizada deste cenário. As universidades, de instituições sociais, tornaram-se nesta hegemonia do neoliberalismo, organizações.

Reduzida a uma organização, a universidade abandona a formação e a pesquisa para lançar-se na fragmentação competitiva. Mas por que ela o faz? Porque está privatizada e a maior parte de suas pesquisas é determinada pelas exigências de mercado, impostas pelos financiadores. Isso significa que a universidade *pública* produz um conhecimento destinado à *apropriação privada*. Essa apropriação, aliás, é inseparável da mudança profunda sofrida pelas ciências em sua relação com a prática. (CHAUI, 2003, p.8)

Vê-se, claramente, que as universidades povoou o espaço (do) público, com o privado, sejam em suas pesquisas financiadas por capitais externos, seja em sua própria finalidade. A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Neste sentido, “estamos a falar de *educação*; não estamos a falar de peças de vestuário simbólico” (BARATA-MOURA, 2003, p. 34). A “Educação é um bem público e direito social, pois tem como finalidade essencial a formação de sujeitos e, por consequência, o aprofundamento da cidadania e da democratização da sociedade” (DIAS SOBRINHO, 2013, p. 109). Portanto, é um fenômeno, peculiarmente, social. Já a educação-mercadoria, tem como premissa básica ser parte e produto da indústria. Seu compromisso é com o lucro, acessível apenas àqueles que a podem comprar. Nesta, a formação cultural, que é própria e inerente do sujeito, inverte-se em produto mercantil. A formação, núcleo fundante e fundamental da universidade, é esquecida. “Em outras palavras: a absorção do espaço-tempo do capital financeiro e do mercado da moda conduzem ao abandono do núcleo fundamental do trabalho universitário, qual seja, a **formação**” (CHAUI, 2003, p. 11).

Que significa o conceito formação e como é dada sua passagem a algo especificamente mercantilista? Para uma melhor compreensão desta inversão, buscaremos conceituar **formação cultural**, a partir de Kant, até desembocar no que fora definido por Adorno, **semiformação**. Refletir sobre a trajetória teórica do conceito formação cultural,

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



possibilita-nos entender sua obliteração no contexto atual, em que impera o processo de conversão das relações sociais à lógica mercantilista, revertendo tudo a simples mercadoria.

A ideia de formação cultural é central num texto publicado por Kant, em 1784, sob o título: *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*. A formação é entendida como aquela capaz de fornecer ao sujeito a saída da menoridade, ou seja, possibilitaria o esclarecimento. A *menoridade*, segundo o pensador de Königsberg, é representada pela incapacidade de utilizar o seu entendimento sem a tutela de alguém, não por falta de entendimento, mas de decisão e coragem, simplesmente por preguiça e covardia. A sociedade vive um pacto mútuo. Assim como para a maioria é tão cômodo ser menor, ou seja, não ter que responder por suas convicções, para outros, igualmente, é conveniente assumirem-se como tutores, disseminando a ideia de que a passagem à maioridade além de difícil é perigosa.

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz às vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis (KANT, 2005, p. 64).

Segundo a lógica kantiana, o uso da razão possibilita ao homem o libertar-se da tutela e agir com autonomia sem a interferência de outrem. Mesmo reconhecendo a dificuldade que representa a saída da condição de “sujeitado”, o indivíduo pode ser artífice de seu próprio caminho, usando a razão como guia. O *Aufklärung*, então, adquire um caráter de processo, sendo um direito da própria condição humana e, portanto, constituindo dever do estado, da sociedade civil e até mesmo dos indivíduos promoverem a educação para sua consecução. A atualidade da afirmação kantiana, enquanto dever do estado garantir ao indivíduo a educação, reflete-se nas palavras de (CHAUÍ, 2003, p.11),

Se quisermos tomar a universidade pública por uma nova perspectiva, precisamos começar exigindo, antes de tudo, que o Estado não tome a educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só é possível se a educação for considerada um direito e não um privilégio, nem um serviço.

“Estamos nós numa época esclarecida”? É possível pensar uma educação que possibilite o esclarecimento crítico neste cenário de sujeição ao mercado neoliberal? Kant apregoava a inevitabilidade do esclarecimento, afirmando ser sua proibição um crime contra a própria natureza humana. Apesar de detectar que mesmo não estando num época esclarecida, ele percebe claros indícios de que os obstáculos para o esclarecimento estavam sendo diminuídos. A partir do texto kantiano, é possível perceber a relação estabelecida entre o esclarecimento (*Aufklärung*) e Formação (*Bildung*), pois o primeiro reforça a necessidade da formação na vida dos indivíduos como meio de alcançar a

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



maioridade. É notória a importância da formação não só como possibilidade de emancipação dos indivíduos, mas também, o desenvolvimento de uma sociedade esclarecida. E o que dizer do atual cenário? O esclarecimento, desde Kant, realmente nos possibilitou sair da menoridade ou ainda permanecemos nela? Porque os Teóricos de Frankfurt detectaram a autodestruição do esclarecimento?

Se o foco do **Aufklärung** foi, por meio da razão, atingir uma sociedade justa, igualitária e emancipada, tendo como instrumento a formação cultural libertando os homens das amarras do conhecimento, esta promessa não alcançou sua plenitude. A sociedade contemporânea, dita esclarecida, converte-se no oposto, ou seja, na mais progressiva barbárie. Esta é a temática central da *Dialética do Esclarecimento*.

A Dialética do Esclarecimento descreve uma dialética da razão que em sua trajetória, originalmente concebida como processo emancipatório que conduziria à autonomia e à autodeterminação, se transforma em seu contrário: em um crescente processo de instrumentalização para a dominação e repressão do homem (FREITAG, 1986, p. 34).

O esclarecimento, que se confundiria basicamente com o processo civilizatório do indivíduo, converteu-se no oposto, na mais plena barbárie. A razão na época das luzes trazia em si tanto dimensões emancipatórias quanto instrumentais, sendo o **instrumental** pensado em função do emancipatório e por ele guiado. A ascensão da burguesia ao poder, embotou de forma progressiva a dimensão emancipatória e potencializou a instrumental. “A longa história do esclarecimento encontrou seu momento decisivo na modernidade quando a ciência começou a decifrar os segredos da natureza e colocá-los a serviço do homem por meio da técnica” (GOERGEN, 2010, p. 67). O Esclarecimento, tido como saída do homem da *menoridade* torna-se totalitário, suspeitando de tudo que não se aplica ao critério da calculabilidade. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 21).

Elaborado em 1959, *A Teoria da Semicultura*, pretende analisar o colapso da formação cultural. Nele,

Adorno enfatiza a necessidade de se construir uma teoria abrangente, que transcenda a simplificação pedagógica, e que seja capaz de diagnosticar a crise da formação cultural manifestada - na onipresença do espírito alienado - pela forma generalizada de conversão da *Bildung* (formação cultural) em *Halbbildung* (semiformação) (GOMES, 2010, p. 292).

A cultura, na concepção adorniana, possui um duplo caráter: ela é, ao mesmo tempo, liberdade do sujeito e adaptação. A liberdade significa autonomia, enquanto que adaptação é conformar-se com o que é dito e exigido. Com o desenvolvimento do capitalismo monopolista do século XX e com o advento da revolução científico-tecnológica, uma nova



# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

### Anais Eletrônicos



cultura vai se implantando e os produtos culturais deixam de ser valores de uso para se tornarem valores de troca (BANDEIRA e OLIVEIRA, 2012). São incluídos na lógica mercadológica da indústria. A *Bildung*, então, passa a ser vista e entendida como conformação com a realidade, privilegiando apenas o aspecto adaptativo, excluindo a possibilidade do pensamento autônomo, da reflexão sobre esta realidade e, do mesmo modo, impedindo “que os homens se educassem uns aos outros” (ADORNO, 2010, p 11).

O processo de formação cultural deve atentar para os dois aspectos: não negar as condições sociais de onde emerge esta produção, assim como não entender a cultura como mera adaptação e conformismo à lógica vigente.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 1995, p. 144).

Quando a produção simbólica, própria do processo da cultura, é convertida em mercadoria pela Indústria Cultural, distancia-se do saber popular e se aproxima dos interesses do mercado. “Assim, a dimensão crítica da cultura, que deveria garantir a emancipação, cede lugar à semiformação, em que predomina a racionalidade instrumental voltada para a adaptação e o conformismo à situação vigente” (GOMES, 2010, p. 292), em outras palavras, nela se encontraria as bases para a consolidação do que, para Adorno, constitui o processo da *Halbbildung*. A semiformação constitui o resultado de um processo sistemático de dominação da formação cultural pelos mecanismos político-econômicos dominantes. “A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2010, p. 25).

O grande desafio da educação hoje, na perspectiva adorniana, é a crítica da semiformação. É por intermédio desta crítica que a formação cultural pode emergir, contribuindo com a ampliação dos horizontes dos indivíduos e para a emergência de sujeitos conscientes de suas potencialidades e artífices da própria história (BANDEIRA e OLIVEIRA, 2012). A educação, como processo de formação, possibilita ao homem inserir-se no fluxo histórico-cultural como sujeito, servindo-se do próprio entendimento, sem a tutela de outrem. “Por isso, Adorno define a desbarbarização da relação sociedade/indivíduo como a tarefa central da educação” (GOERGEN, 2010, p. 74).

Considerando que na prática educacional hodierna privilegia-se o acúmulo do maior número de informações no menor espaço de tempo, a quantidade em detrimento da



qualidade, consubstanciando o processo de disseminação da semicultura, é necessário, mais que nunca, que se faça sua autocrítica, isto é, postular a **desmitologização** do conceito buscando sua transformação.

Desmitologizar o conceito, em suas bases instrumentais, é apontar seus limites, pois “o conceito que se deixa absolutizar, adquirindo a presunção de bastar a si mesmo, participa da mentirosa conformidade entre a subjetividade e a objetividade, contribui decisivamente para a ausência da liberdade e da felicidade” (SILVA, 2010, p. 65). É possível desmitologizar a educação, sem desmitologizar a ciência, a economia, o capital financeiro, e as demais influências que sobre ela exercem? Segundo Adorno

Todos os conceitos, mesmo os filosóficos, apontam para um elemento não-conceitual, porque eles são, por sua parte, momentos da realidade que impede a sua formação – primariamente com o propósito de dominação da natureza... a intelecção de que a sua essência conceitual não é, apesar de sua incontornabilidade, o seu elemento absoluto, é mediada uma vez mais pela constituição do conceito: ela não é nenhuma tese dogmática ou mesmo ingenuamente realista (ADORNO, 2009, p.18).

Por isso só a *desmitologização do conceito* pode salvar a filosofia, ser seu *antídoto*. E por que não ser, também, o *antídoto* da educação? **Desmitologizar** a educação, é possibilitar a superação da apática limitação do próprio conceito, proveniente, sobretudo, da sua redução ao mero princípio da identidade cientificista e pragmatista (SILVA, 2010, p. 12). O homem não é mero espectador na história, é um agente de transformação. A educação deve levá-lo ao esclarecimento, não a um aprisionamento sistêmico. Educar é muito mais que ajustar. É exigir “que Auschwitz não se repita” (ADORNO, 1995, p. 119).





## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3ª Edição. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Teoria Crítica e inconformismo: Novas perspectivas de ensino**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Cap. 1, p. 6-40.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, G. A. Nota preliminar do Tradutor. In: ADORNO, T. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 7-8.

BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. D. R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 225-232, maio./ago. 2012.

BARATA-MOURA, J. Educação superior: Direito ou Mercadoria? **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 31-36, Dezembro 2003.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, Set/ Out/Dez 2003.

DIAS SOBRINHO, J. Educação Superior: Bem público, equidade e democratização. **Avaliação**, Sorocaba; Campinas, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 107-126, Março 2013.

FREITAG, B. **A Teoria Crítica: Ontem e Hoje**. Brasília: Editora Brasiliense, 1986.

GOERGEN, P. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Educar**, Curitiba, Paraná, n. 37, p. 59-76, maio/ago. 2010.

GOMES, L. R. Teoria Crítica e Educação Política em Theodor Adorno. **HISTEDBR On-line**, Campinas, São Paulo, n. 39, p. 286-296, Set 2010.

KANT, I. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?** Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 63-71 p.

NOBRE, M. **Curso Livre de Teoria Crítica**. 3ª Edição. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013.

PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. N. **Teoria Crítica e Inconformismo: Novas perspectivas de ensino**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010.

SILVA, A. S. **A "Desmitologização" da Educação a partir de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, PUC-RS, 2010 - (Tese de Doutorado).

ZUIN, A. Á. Indústria Cultural e Semiformação: A atualidade da educação após Auschwitz. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 607-634, jul./dez. 2011.